

Memória em Discurso: Ecos da Pureza em Diferentes Campos¹

Memory in Discourse: Echoes of Purity in Different Fields

Saulo Albert²

Edvania Gomes da Silva³

RESUMO

Este trabalho aborda a memória da pureza a partir dos trabalhos de Michel Foucault. Nesse sentido, buscamos problematizar a pureza, verificando se ela se constitui como um objeto de discurso, ligado, em alguma medida, ao campo religioso e/ou ao campo da sexualidade; ou ainda, se é possível encontrar um conjunto de enunciados, no sentido de Foucault, vinculados à questão da pureza, permitindo, assim, que possamos defender a existência de um discurso da pureza. Para isso, o percurso teórico-metodológico adotado, em consonância com a arqueogenealogia foucaultiana, perpassa a noção de domínio de memória e recorre ao método indiciário, analisando importantes textos religiosos, filosóficos e históricos desenvolvidos em diferentes contextos sociopolíticos e culturais. A análise apontou para a possibilidade de a pureza ser entendida como um discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Pureza; Michel Foucault; Religiosidade; Sexualidade; Virgindade.

ABSTRACT

This work addresses the memory of purity based on the works of Michel Foucault. In that regard, we seek to problematize purity, verifying whether it constitutes an object of discourse linked, to a certain extent, to the religious field and/or the field of sexuality; or even, if it is possible to find a set of statements, in Foucault's sense, linked to the issue of purity, thus allowing us to defend the existence of a discourse of purity. To achieve this, the theoretical-methodolog-

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

² Mestrando em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Psicopatologia Psicanalítica pelo Centro Universitário FG (UNIFG). Bacharel em Direito pela UESB e em Sociologia e Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Linguística pela UNICAMP. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

ical path adopted, in line with Foucault's archaeogenealogy, permeates the notion of memory domain and uses the indexical method, analyzing important religious, philosophical and historical texts developed in different socio-political and cultural contexts. The analysis pointed to the possibility of purity being understood as a discourse.

KEYWORDS

Purity; Michel Foucault; Religiosity; Sexuality; Virginity.

Introdução

Michel Foucault, em diversos momentos, ao longo de sua produção, menciona a *pureza* como formulação, complemento nominal, enunciado, ou mesmo como memória, associada a diferentes estudos arqueológicos, redes de saber-poder e perspectivas éticas de formação do sujeito. Contudo, a partir das publicações dos tomos da *História da sexualidade*, notamos que a pureza, antes apresentada como complemento nominal, obtém um destaque conceitual.

Em *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*⁴, a pureza é qualificada como estando relacionada à renúncia de si e à virgindade. No terceiro tomo da referida obra⁵, Foucault defende que a valorização da virgindade na Roma antiga leva à defesa de uma preservação da integridade física e da *pureza de coração* até o casamento, o que, como analisado no quarto tomo⁶, ecoa no discurso do cristianismo. Nele, há um alto grau de valorização da pureza, que aparece associada a uma subjetividade sujeita à disciplina penitencial e à ascese monástica.

Esse breve resumo de uma memória da pureza em Foucault poderia nos direcionar à percepção de que a pureza se constituiria como um objeto relacionado ao discurso da sexualidade e ao discurso religioso, podendo ser considerado, ainda de acordo com o que defende Foucault, um enunciado.⁷ Contudo, em conferências proferidas nos seus últimos anos de vida, o citado autor apresenta indícios de que *ser puro* pode, também, denotar algo que não se limita aos campos da religiosidade e da sexualidade. Em curso ministrado no *Collège de France*, entre 1981 e 1982, Foucault trata de uma pureza apartada do divino:

[...] tudo o que de fato, como na Odisseia, conduz finalmente para junto de si, manifesta a vida como sendo uma prova. E o que deve resultar dessa prova? A reconciliação com os deuses? De modo algum. Deve resultar a pureza, pureza do eu, do eu entendido como aquele sobre o qual se exerce vigilância, guarda, proteção e domínio.⁸

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014c.

⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 4: as confissões da carne*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

⁷ Ao definir *enunciado*, Foucault entende que “Não devemos procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada, mas tomada como as outras num nexo lógico, gramatical ou locutório. Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte identificável a um certo nível de análise, é antes uma função que se exerce verticalmente em relação a essas diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se essas unidades estão ou não presentes [...] é uma função de existência que pertence como traço próprio aos signos [...]” (FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Lisboa: Edições 70, 2014a, p. 128).

⁸ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a, p. 404.

No mesmo período, em um conjunto de conferências proferidas em Toronto (Canadá), Foucault⁹, elaborando uma história da relação que mantemos conosco, remete à hipótese dos gregos, a partir do século VII, terem herdado diversas práticas encontradas nas culturas xamânicas, incluindo exercícios de abstinência sexual e alimentar em prol da purificação do corpo, assim como regras de abstinência e de austeridade para a purificação da alma. Nesse sentido, não seria possível pensar a pureza somente sob o viés cristão ou estritamente relacionado à sexualidade (ou à carne ou à *aphrodisia*).¹⁰ Foucault, então, amplia essa concepção de pureza, apresentando-a de forma mais *generalizada*:

Mas há também, creio eu, em todas as sociedades, quaisquer que sejam elas, técnicas que permitem aos indivíduos efetuar por seus próprios meios, e com a ajuda de outras pessoas (ou sob a direção de outras pessoas), certo número de operações sobre seu corpo, sobre sua alma, sobre seus pensamentos, sobre sua conduta; e isso de maneira a se transformar, a se modificar e a alcançar certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de iluminação: a tornar-se um sábio, um feiticeiro, a atingir a luz, a imortalidade, a insensibilidade.¹¹

Nesse trecho, a pureza aparece como um estado cujo alcance engloba conjuntos de técnicas para os quais todas as sociedades ofereceriam alternativas. Temos então, uma *generalidade*, acompanhada de uma *descontinuidade* (pois os objetos e enunciados relacionados à pureza variam em função do tempo e do espaço), juntamente com uma concepção foucaultiana de *arquivo* como lei (em nível sociocultural, e não jurídico) variável conforme diferentes epistemes sobre o que pode e não pode ser dito em termos do que seria qualificável como *puro* ou *impuro*.

Em *A arqueologia do saber*¹², Foucault define o discurso, entre seus vários elementos constitutivos, em função da *generalidade*, da *descontinuidade* e do *arquivo*. Portanto, assim como Foucault conclui sobre a existência do *discurso da loucura* e do *discurso da sexualidade*, poderíamos supor a existência de um *discurso da pureza*?

Na tentativa de responder a essa questão, a hipótese que guia este trabalho busca, nos escritos foucaultianos, indícios da existência de uma relação teórico-analítica que aponte para um discurso da pureza. Contudo, como os indícios analíticos do nosso autor-guia não são suficientemente robustos para chegarmos a uma conclusão sobre a questão proposta, objetivamos, a partir do *domínio de memória* e do *método indiciário*, obtermos diretrizes para a construção de um percurso teórico-metodológico que nos permita responder se podemos defender, a partir de Foucault, a existência de um discurso da pureza. Começando esse percurso pelo conceito de *domínio de memória*, recorreremos a Foucault para definirmos o referido conceito-operacional. Para o referido autor:

⁹ FOUCAULT, Michel. *Dizer a verdade sobre si*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

¹⁰ A Erótica, na cultura de si da antiguidade, aparecia primordialmente como arte e como técnica, denomina *aphrodisia*, ou seja, “[...] atos, gestos, contatos que proporcionam uma certa forma de prazer” (FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b. p. 50). Na ascética cristã, entretanto, a *aphrodisia* é reconfigurada e a Erótica passa a ser entendida sob a alcunha *carne*: “[...] a força excessiva do prazer encontra seu princípio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana” (FOUCAULT, 2019b, p. 62). Posteriormente, essa Erótica segue ecoando, de modo a alcançar o século XIX, sob novas relações de saber-poder, na forma da *sexualidade*, deixando em segundo plano o registro da culpa e do pecado em prol de uma concepção biomédica de normal e patológico.

¹¹ FOUCAULT, 2022, p. 29.

¹² FOUCAULT, 2014a.

[...] trata-se dos enunciados que já não são nem admitidos nem discutidos, que já não definem, por conseguinte, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas a respeito dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica [...].¹³

Ou seja, um discurso da pureza partiria da concepção de que qualificações como *puro* e *impuro* ecoam¹⁴ enunciados que já não são nem admitidos e nem discutidos, mas que ainda reverberam. Logo, analisar o domínio de memória desse possível discurso demanda a busca de indícios sócio-históricos que legitimem a sua existência – alguns desses indícios podem ser encontrados nos próprios escritos foucaultianos, mas, como o próprio Foucault mostra-nos, por meio de seu trabalho arqueológico, que se faz necessário, na elaboração de uma história do pensamento, escavar os vestígios que expliquem as múltiplas rupturas associadas às mais variadas condições históricas de possibilidade, ligadas aos diferentes saberes.

Esse movimento teórico-metodológico, por sua vez, deve ser realizado em consonância com a *arqueogenealogia* foucaultiana. Apesar dessa terminologia não ter sido utilizada por Foucault, muitos dos que o estudam e/ou trabalham a partir de seus escritos, como, por exemplo, Maria da Conceição Fonseca-Silva, utilizam-na, entendendo que o projeto foucaultiano de entender os diferentes modos de subjetivação do ser humano na cultura foi uma tentativa de se fazer uma *arqueogenealogia do sujeito* dividida em três domínios: “1) o sujeito em sua relação com a verdade e conhecimento ou saber; 2) o sujeito em sua relação com a força e a ação sobre os outros, ou seja, com o poder; 3) o sujeito em sua relação com a ética”¹⁵.

Isso revela que a nossa busca por indícios de um discurso da pureza, a partir de um domínio de memória, deve compreender o *ser puro* arqueologicamente, detectando, a partir de um mesmo gesto analítico, dispersão e descontinuidade do sujeito consigo mesmo¹⁶; bem como, analisando, geneologicamente, o indivíduo como efeito do poder na trama histórica¹⁷ e através da ética, “entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la”¹⁸.

Além das noções apresentadas por Foucault, objetivamos trabalhar, do ponto de vista metodológico, com o paradigma indiciário. Carlo Ginzburg¹⁹ entende que, no final do século XIX, em contraposição ao paradigma científico galileano, que excluía as individualidades em prol das generalidades e repetições, emergiu, no âmbito das ciências humanas, um modelo ou paradigma epistemológico que se relaciona, em certa medida, com a semiologia médica e se materializa, por exemplo, nas obras de Sigmund Freud, de Giovanni Morelli e de Arthur Conan Doyle (autor dos livros de Sherlock Holmes). Nessa seara, há uma valorização dos dados

¹³ FOUCAULT, 2014a, p. 97.

¹⁴ *Eco* é um conceito operacional foucaultiano que corresponde a uma paráfrase explicativa das retomadas de práticas atreladas a uma memória, mantendo relação com o acontecimento precedente, mas repetindo-se de modo reconfigurado (RIBEIRO JÚNIOR, Laelson Matos; SILVA, Edvania Gomes da. Os descaminhos da memória em Foucault: descontinuidade, eco, arquivo e diferença. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8671141>. Acesso em: 24 nov. 2023).

¹⁵ FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. *Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 32.

¹⁶ FOUCAULT, 2014a.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019d.

¹⁸ FOUCAULT, 2019c, p. 37.

¹⁹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

marginais, em comparação ao detetive que descobre o autor do crime com base em indícios de difícil percepção para a maioria das pessoas.

Não coincidentemente, em *As palavras e as coisas*, Foucault²⁰, analisando temática similar, afirma que Saussure, no final do século XIX, retomou, na análise da linguagem semiológica (que serviu de paradigma às ciências humanas), a importância da *representação* como análise por semelhança, o que acreditamos se aproximar da análise por indícios. Em sentido similar, Silva²¹ entende que uma investigação feita por etapas, em que dados aparentemente mais *insignificantes* dão acesso às camadas menos visíveis do fenômeno, aproximam o paradigma indiciário e a noção de *acontecimento discursivo*.²² Silva, contudo, também defende que essa aproximação deve ser feita com ressalvas, *guardadas as devidas proporções*, pois Foucault não defende um método com base em decifração, mas sim com base no estabelecimento de um conjunto de relações.

Elaborado o percurso teórico-metodológico, defendemos que este trabalho justifica-se tanto por sua importância em relação ao tema da pureza, que, como veremos, é retomado em diferentes campos e em variadas temporalidades, quanto pela importância dos trabalhos de Foucault na contemporaneidade, uma vez que tais trabalhos permitem-nos relacionar alguns de seus elementos a potenciais questões em aberto, também e ainda, na atualidade, como é o caso do objeto *pureza* ou do que estamos supondo ser um discurso da pureza.

Portanto, na tentativa de responder a nossa questão-problema, por meio da análise de indícios presentes em um *corpus* constituído por importantes obras publicadas ao decorrer da história, buscaremos, primeiramente, identificar se a pureza se constitui como um estrato do discurso da sexualidade; em seguida, analisaremos se a pureza não seria, na verdade, um estrato dos enunciados e discursos atrelados ao campo religioso; por fim, buscaremos os indícios que apontam para a existência de um discurso da pureza.

1. A pureza seria um estrato do discurso da sexualidade?

Ao que a formulação *mulher pura* remete? Para parcela significativa da população, certamente um dos primeiros enunciados que surge à mente sob essa formulação é a *virgindade*. A relação entre pureza e virgindade aparece em diversos momentos na história e, nos tomos da *História da Sexualidade*, Foucault analisa essa relação, o que pode dar a entender que a pureza seria um dos objetos presentes discurso da sexualidade. Estudaremos, aqui, essa dinâmica, na busca de um direcionamento para a pergunta-título desta seção.

Em curso ministrado no *Collège de France*, Foucault explana que os temas da virgindade e da pureza, colocados em paralelo, ecoariam um enunciado já encontrado na Grécia Antiga, e explorado na obra *Odisseia*, que seria a questão da virgindade:

²⁰ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70, 2014b.

²¹ DA SILVA, Edvania Gomes. *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da igreja católica*. 293 f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/393069>. Acesso em: 24 nov. 2023.

²² “A arqueologia analisa o grau e a forma de permeabilidade de um discurso: apresenta o princípio da sua articulação numa cadeia de acontecimentos sucessivos; define os operadores através dos quais os acontecimentos se transcrevem nos enunciados” (FOUCAULT, 2014a, p. 218).

Guardarão a virgindade a jovem e o rapaz que se comprometeram, quer perante Deus, quer um perante o outro, a conservar a pureza pessoal? Todas as provas que foram distribuídas em torno desses dois personagens, arrastados pela série de atribulações, todos esses episódios servem para saber em que medida eles poderão conservar a virgindade, virgindade que me parece ser, nesta literatura, como que a forma visível da relação consigo, da relação consigo em sua transparência e em seu domínio. Vemos surgir aqui, como figura metafórica da relação consigo, o tema tão fundamental da virgindade, que reencontraremos na espiritualidade cristã e que terá tantas consequências.²³

Apesar dessa pureza estar relacionada com a erótica, não se pode dizer, entretanto, que se trata da mesma concepção que será desenvolvida posteriormente no cristianismo, pois, se, no cristianismo, o mérito está em não desejar, na Grécia antiga o mérito está na vitória sobre o próprio desejo. Há certa relação entre essas duas modalidades de pureza, mas não se trata de uma retomada do mesmo.

A defesa da virgindade, menos relevante na Grécia antiga, começa a obter maior importância na Roma antiga, cuja erótica se difere tanto daquela que aparece, através de Platão e de Sócrates, no amor pelos rapazes, quanto nos indícios de uma certa valorização da virgindade em *Odisseia*. Trata-se da manifestação de uma maior simetria e reciprocidade entre homem e mulher no valor atribuído à virgindade (e, nesse contexto, à pureza), o que se reflete nos exercícios de abstinência propostos pelos epicuristas e pelos estoicos.²⁴

Todavia, ainda segundo Foucault²⁵, esses exercícios de abstinência, que visavam direcionar o sujeito para modalidades de prazer *mais puras*, não se restringiam à abstinência sexual, incluindo também pequenos estágios de *pobreza fictícia*. Nesse sentido, encontramos aqui uma possível limitação ao enquadramento da pureza como enunciado do discurso da sexualidade. A *aphrodisia* helênica, então, começa a se aproximar da ideia de *carne* medieval, o que se constitui como eco, e não uma simples repetição, pois a pureza, aqui, não possui fim escatológico e transcendental voltado ao divino, refletindo uma *cultura de si*²⁶ com a valorização do indivíduo.

É a partir do cristianismo que uma aproximação entre pureza e virgindade ocorre com maior força. Como elaborado por Foucault²⁷, em *História da sexualidade 4: as confissões da carne*, Deus demanda que os indivíduos sejam puros porque *o puro não pode ter contato senão com o puro*. Se nos primeiros séculos do cristianismo ainda reverberavam as concepções de pureza e de virgindade do helenismo, os temas da pureza rigorosa do pensamento e o tema da virgindade do coração ganham muita força nos séculos III e IV, reconfigurando a concepção de pureza que ecoava a partir de uma ascética cristã:

²³ FOUCAULT, 2010a, p. 404.

²⁴ FOUCAULT, 2014c, p. 288.

²⁵ FOUCAULT, 2014c.

²⁶ “Por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 2014c, p. 58).

²⁷ FOUCAULT, 2021.

Trata-se, com efeito, da forma da subjetividade: exercício de si sobre si, conhecimento de si por si, constituição de si mesmo como objeto de investigação e de discurso, liberação, purificação de si e salvação por meio de operações que levam a luz até o fundo de si e conduzem os segredos mais profundos à luz da manifestação redentora.²⁸

Apesar dessa grande aproximação entre virgindade e pureza, esses enunciados podem ser considerados sinônimos? Além disso, essa virgindade do cristianismo pré-medieval possui a mesma significação da virgindade contemporânea? Se formulações como essas ecoam através do tempo, o domínio de memória nos indica que essas relações de filiação e de gênese existem sob uma descontinuidade histórica cujos enunciados não são nem admitidos e nem discutidos. Nesse sentido, um cristão contemporâneo pode ler sobre a virgindade em Santo Agostinho, por exemplo, e entendê-la conforme sua concepção contemporânea de pureza. Mas, uma análise arqueológica do saber que procura verificar, também, as relações de poder na formação ética do sujeito ao decorrer do tempo e do espaço, defende que esses objetos e enunciados são descontínuos, tratando-se de ecos de uma memória e não uma repetição literal.

Maior do que a simples abstinência, a virgindade seria um *selo* colocado não só sobre o *corpo*, mas, também, sobre a *alma*. Como exemplo, Foucault²⁹ entende que Santo Agostinho ampliou e multiplicou temas como o da virgindade, incorporando a união da mulher com o esposo, o casamento, em sua forma espiritual, como algo que *não pode ser dissociado da virgindade*. Além disso, Foucault ainda ilustra esse tópico a partir dos diferentes graus de pecados sexuais, o que possibilitaria um cônjuge manter relações sexuais e, ainda assim, ser *puro*, pois, para Agostinho, “[...] não é clara a ideia de um pecado venial ligado à relação destinada somente a satisfazer a concupiscência [do cônjuge]”³⁰, devendo haver uma distinção entre aquele que demanda o cumprimento do *dever conjugal* e aquele que o cumpre.

Posteriormente, São Tomás de Aquino, em sua *Suma teológica* (escrita entre os anos de 1265 e 1274), aborda exaustivamente a pureza sem realizar uma associação direta entre essa pureza e a erótica. Conforme Aquino³¹, Deus seria um *ato puro*, sem qualquer *mistura de potência*, e, para alcançar essa luz divina, o olhar humano precisa estar purificado pela justiça da fé. Os justos, que sofrem penas neste mundo, estariam sob a justiça e a misericórdia de Deus, pois, como *os males que nos oprimem neste mundo impelem-nos a caminhar para Deus*, Deus *purifica* esse justo das suas faltas leves como compensação pelas suas aflições em vida. Aquino³² também trata da diferença entre os anjos e os homens: os primeiros seriam espíritos puros, puramente espirituais, libertos de qualquer corporeidade, cuja intelectualidade não encontraria nenhum obstáculo a seu exercício; já os segundos possuiriam essa glória oculta e obscurecida, restrita por servidões que nasceriam de sua corporeidade.

Ao falar sobre corporeidade e sobre não se dever esperar uma verdade pura dos sentidos corporais, Aquino se difere da noção de *carne* da *aphrodisia*, tratando de todos os sentidos corporais em contraposição aos sentidos da alma. Logo, quando o santo católico fala sobre a necessidade de se manter um coração puro em prol de um conhecimento divino, ele vai além

²⁸ FOUCAULT, 2021, p. 73.

²⁹ FOUCAULT, 2021.

³⁰ FOUCAULT, 2021, p. 212.

³¹ DE AQUINO, Tomás. *Suma teológica: teologia – Deus – trindade*. 1. vol. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

³² DE AQUINO, Tomás. *Suma teológica: a criação – o anjo – o homem*. 2. vol. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

da necessidade de se manter virgem. A virgindade, então, como abordada na questão 152 da 2ª seção da 2ª parte da *Suma Teológica*, não consiste na integridade física, não é necessariamente superior ao casamento e também não é a considerada a maior das virtudes: “Portanto, as virtudes teologais e também a virtude da religião, cujo ato consiste em ocupar-se com as coisas de Deus, são superiores à virgindade”³³.

Outro exemplo de como a pureza cristã não se reduz à erótica é o julgamento de Joana D’Arc. Consoante a compilação dos documentos inquisitoriais do julgamento de D’Arc, organizada por Daniel Hobbins³⁴, essa personalidade histórica, no final do século XV, era considerada uma sensação internacional. Joana D’Arc convenceu o líder francês Carlos VII a lhe oferecer um exército (que chegou a totalizar de 10 a 12 mil homens) para derrotar a Inglaterra na *Guerra dos Cem Anos*. E fez isso com base nas revelações divinas que ela afirmava ter tido. Como a liderança militar de Joana D’Arc foi importante no término dessa guerra, sua vitória seria, então, um sinal da autenticidade dessas revelações, porém, como ela foi capturada pelos ingleses, ao final, um procedimento inquisitorial foi estabelecido para julgá-la.

Durante o julgamento, D’Arc foi questionada por afirmar escutar vozes supostamente divinas e santas que a diziam o que ela deveria fazer, como atacar os ingleses (afinal, essas vozes eram de fato *puras* ou elas seriam demoníacas?), e também sobre o suposto desrespeito à *honra* do *sexo* feminino, pelo fato dela utilizar vestes masculinas. Questionada sobre sua vestimenta, D’Arc respondeu: “Tudo o que fiz foi por ordem do Senhor. Se ele me ordenasse a vestir outra coisa, eu o faria, pois isso seria por ordem de Deus”³⁵.

Sobre o grau de pureza das vozes que Joana D’Arc escutava, sua defesa se deu em função de uma concepção de pecado que impede o contato com a graça de Deus: “Se não estiver [na graça], que Deus me coloque; e se eu estiver, que Deus me mantenha. Eu seria a pessoa mais miserável do mundo se soubesse que não estou na graça de Deus”³⁶.

Não confirmada a pureza das vozes, D’Arc, em 1431, foi sentenciada à morte na fogueira, considerada culpada de heresia, entre outras acusações, e foi queimada viva em 30 de maio de 1431. Contudo, essa concepção de impureza passou por mudanças ao decorrer dos séculos, ecoando, em 16 de maio de 1920, na emissão de uma bula papal por Bento XV que canonizou Joana d’Arc.³⁷ Observamos, então, uma aparente contradição na qual a mesma instituição que condenou Joana D’Arc à fogueira devido à sua hipotética impureza, também a canoniza, reconhecendo-a como santa, o que exemplifica não somente uma descontinuidade na ideia de pureza (característica de um discurso), como também uma memória na qual a pureza não pode ser reduzida a um estrato (objeto, conceito ou, menos ainda, formulação) do discurso da sexualidade.

³³ DE AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. 7. vol. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 295.

³⁴ HOBBS, Daniel. *The Trial of Joan of Arc*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

³⁵ “All that I have done is by the Lord’s command. If he commanded me to put on something else, I would do it, since this would be by God’s command” (HOBBS, 2005, p. 66, tradução nossa).

³⁶ “Asked whether she knows she is in the grace of God, she answered: ‘If I’m not, may God put me there; and if I am, may God keep me in it. I would be the most miserable person in the world if I knew I was not in the grace of God.’ She said further that if she were in a state of sin, she believes the voice would not come to her; she wishes that everyone could understand it as well as she can” (HOBBS, 2005, p. 60-61, tradução nossa).

³⁷ VATICAN News. *Centenário de canonização de Joana D’Arc*. Vatican News, 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/joana-dar-centenario-canonizacao-diocese-orleans.html/>. Acesso em: 18 out. 2023.

2. A pureza seria um estrato dos enunciados e discursos atrelados às religiosidades?

Quando pensamos sobre o *ser puro* (ou *impuro*), enunciados e discursos atrelados às religiosidades também podem ser algumas das primeiras coisas em que pensamos. Isso exemplifica como a pureza atravessa a religião, impossibilitando uma análise sobre a pureza que não passe pela religiosidade. Diante disso, investigaremos como a pureza aparece em alguns textos religiosos, no decorrer da história, na busca de sinais que nos indiquem se a pureza é especificamente um estrato das religiões ou se possui maior alcance.

Viasa³⁸, importante figura da tradição hindu, é tradicionalmente creditado pela escrita do texto sagrado *Srimad Bhagavad Gita*, no qual é contada a história do diálogo entre o príncipe Arjuna e o deus Krishna sobre ensinamentos éticos, filosóficos e espirituais. Nesse diálogo, a *pureza* (de corpo, mente e coração) aparece como uma das oito *qualidades átomicas* (em prol de uma *elevação* do estado de consciência) e a *natureza pura* é descrita como uma das vinte e seis *qualidades dáivicas* (para os desejosos de alcançar a mais *elevada natureza* e a *libertação*). Além disso, a *Eterna Lei* (ou *Suddha Dharma*) é avaliada como benéfica para todos os seres, em todos os tempos e lugares, podendo, também, ser chamada de *Lei Pura*.

O simbolismo dessa histórica coloca Arjuna como aquele que mantém impura a sua mente, atrasando a sua evolução, e seu diálogo com Krishna o direciona, por meio da graça da iniciação à *Sacratíssima Ordem Esotérica* (ou *Suddha Dharma Mandalam*, sendo que *Suddha* significa *puro, imaculado, sem mescla, transcendente*), para obter sempre a vitória no campo de batalha. Para Krishna, a pureza de pensamento e de ação, através da austera sabedoria, leva o aspirante a desenvolver uma série de virtudes, como ausência de temor, caridade, dedicação, serenidade, humildade, magnanimidade etc.

O budismo *Theravada*, por conseguinte, oferece o *Tripitaka*³⁹ como um dos seus textos canônicos. Nele, encontramos as instruções de Buda para a obtenção de sabedoria *pura*, através de práticas que levem à ausência de pensamentos impuros em prol de um *Dharma* puro (lei universal que abrange as nobres verdades). O budista *Theravada* que alcança a pureza seria, então, como a grande Terra, por não possuir pensamentos discriminatórios (como puro ou impuro ou feio e bonito), ou como a água pura que lava as aflições e impurezas. Nesse sentido, uma vida de vícios e desejos não duraria muito, fazendo-se necessária a sabedoria *pura* e a supremacia da virtude:

[...] primeiro, cuidar dos pais, cuidar dos professores e dos mais velhos, abster-se compassivamente de matar e praticar as dez boas ações; segundo, tomar os Três Refúgios, guardar os diversos preceitos e abster-se de violar as regras de conduta; e terceiro, despertar a aspiração pela iluminação (*bodhicitta*), acreditar profundamente na lei da causalidade, cantar os sutras Mahayana e encorajar as pessoas a seguirem os seus ensinamentos.⁴⁰

³⁸ VIASA, Veda. *Srimad Bhagavad Gita*. Tradução: Haydée Touriño Wilmer. [S.l]: [S.n], 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/123054096/Srimad-Bhagavad-Gita-2002-Haydee-Tourino-Wilmer-editora>. Acesso em 25 nov. 2023.

³⁹ BDK English Tripitaka Series. *The Three Pure Land Sutras*. Berkeley: Numata Center for Buddhist Translation and Research, 2003.

⁴⁰ “[...] first, caring for one’s parents, attending to one’s teachers and elders, compassionately refraining from killing, and doing the ten good deeds; second, taking the Three Refuges, keeping the various precepts, and

Já de acordo com o *Avesta*⁴¹, livro sagrado do Zoroastrismo (religião monoteísta fundada por Zaratustra, na Pérsia, por volta do século VI a.C.), *Ahura Mazda*, a divindade suprema, afirma que a pureza é, depois da vida, o maior bem que o homem pode ter; pureza essa que pode ser obtida pela lei de *Mazda*, a qual ensina a se ter bons pensamentos, palavras e ações, e podendo ser recuperada quando perdida:

‘Portanto, ó Zaratustra! Cavarás nove buracos? Na parte do terreno onde há menos água e menos árvores; onde não há nada que possa servir de alimento para homens ou animais; pois a pureza é para o homem, depois da vida, o maior bem; aquela pureza que é obtida pela lei de Mazda para aquele que se purifica com bons pensamentos, palavras e ações.’⁴²

O cristianismo, como já analisamos, historicamente, aproxima as ideias de pureza e de virgindade. Mas, apesar das várias relações estabelecidas entre ambos os conceitos, os textos de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e o que trata do julgamento de Joana D’Arc indicam que pureza e virgindade não são paráfrases. Faz-se necessário, portanto, pensar o domínio de memória de ambos os conceitos, pois se, na contemporaneidade, é possível pensar pureza e virgindade como paráfrases, isso se deu a partir de uma construção descontínua (e parcamente discutida).

Essa transformação discursiva impossibilita que a reverberação da memória no tempo se dê de forma idêntica, o que pode ser ilustrado por um escrito mais contemporâneo sobre a temática da pureza cristã, publicado pelo Padre Álvaro Negromonte:

São muitos os que propugnam a educação sexual, mas todos não estão de acordo nem com o sentido que dão à palavra, nem com a própria designação. Entre os católicos muitos não querem mesmo empregar a expressão – educação sexual – a que, aliás, o grande Papa Pio XI chamou ‘questa parola bruta’. Preferem chamar – educação da pureza – que diz realmente muito melhor o que desejamos e perseguimos neste trabalho específico da educação geral.⁴³

O fato de uma educação sexual aos jovens ser apresentada, aqui, como paráfrase de educação da pureza, exemplifica uma reconfiguração discursiva. A pureza cristã não abandonou, no século XX, muitas das significações e dos sentidos medievais, mas houve, no seu uso, uma mudança em prol da valorização da virgindade dos jovens. Como apresentado por Seth Dowland⁴⁴, as mudanças comportamentais do século XX despertaram a preocupação de autoridades religiosas acerca da sexualidade juvenil, o que deslocou, em parte, a significação da ideia de pureza para a seara da castidade juvenil.

refraining from breaking the rules of conduct; and third, awakening aspiration for enlightenment (bodhicitta), believing deeply in the law of causality, chanting the Mahayana sutras, and encouraging people to follow their teachings” (BDK, 2003, p. 67, tradução nossa).

⁴¹ MÜLLER, F. Max. (org.). *The sacred books of the east*. 4. vol. London: Oxford University Press Warehouse, 1880.

⁴² “Therefore, O Zarathustra! thou shalt dig nine holes? in the part of the ground where there is least water and where there are fewest trees; where there is nothing that may be food either for man or beast; for purity is for man, next to life, the greatest good; that purity that is procured by the law of Mazda for him who cleanses himself with good thoughts, words, and deeds” (MÜLLER, 1880, p. 137-138, tradução nossa).

⁴³ NEGROMONTE, Álvaro. *A educação sexual (para pais e educadores)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 20.

⁴⁴ DOWLAND, Seth. *Family values and the rise of the christian right*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2015.

Notamos, então, que enunciados sobre a pureza perpassam as mais diversas religiões – fenômeno que também aparece em estudos antropológicos.⁴⁵ Além disso, pode haver descontinuidades nas concepções religiosas sobre pureza, ecoando o que é *ser puro* de modo reconfigurado ao longo do tempo.

Todavia, é possível afirmar que uma memória da pureza pode ser reduzida ao campo religioso? Acreditamos que não. Para ilustrar isso, retomamos o caso de Joana D’Arc: seu julgamento não foi estritamente religioso, já que houve pressão política do governo inglês sobre os procedimentos inquisitoriais. Dessa forma, não bastava apenas executar D’Arc, mas também era necessário provar que as vozes que ela ouvia eram demoníacas, pois essa questão afetava a legitimidade do rei. Temos, então, um primeiro exemplo de pureza que extrapola o campo religioso.

Além disso, retomamos o próprio Foucault⁴⁶ para exemplificar uma modalidade de pureza que, mesmo ecoando concepções cristãs, vai além da esfera religiosa: a hidroterapia da loucura. Ela passa a se instaurar de modo mais generalizado a partir do século XVII com o argumento de que a água, como substância pura, teria propriedades curativas contra a loucura, servindo, inclusive, como instrumento de *confissão* da própria loucura, modalidade que seguiu vigente até o final do século XVIII.

Nessa conjuntura, do ponto de vista do campo da medicina, a doença venérea era tratada como uma questão ética, evidenciando uma cumplicidade da medicina com a memória de uma moral cristã acerca da pureza, tanto ao elaborar o tratamento como prática de purificação quanto pelo fato do tratamento da loucura ser equiparado ao tratamento da doença venérea e da loucura ser colocada ao lado do pecado.⁴⁷

Esse fenômeno reverberou, no Brasil, por exemplo, por meio do *Dicionário de Medicina Popular*⁴⁸, que qualificava, com base na medicina, a necessidade de a ama de leite ter como qualidade a *pureza nos seus costumes*, ou mesmo através do *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*⁴⁹ que aborda o impacto emocional que a exposição à prostituição pode ter sobre uma jovem mulher com a *mais pura moral* ou mesmo um questionamento sobre haver de fato alguma possibilidade de esperarmos manifestações de pureza moral por parte de mulheres *indisciplinadas e pérfidas*.

A reconfiguração da pureza reverbera, aqui, como faceta de uma modalidade de poder que começa a se desenvolver por volta da metade do século XVIII e se institui mais fortemente a partir do século XIX, a qual Foucault denomina *biopoder*:

Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, mais do que se manifestar em seu fausto mortífero; não tem que traçar a linha que separa os súditos obedientes dos inimigos do soberano, opera distribuições em torno da norma. Não quero dizer que a lei se apague ou que as instituições de justiça tendam a desaparecer; mas que a lei funciona cada

⁴⁵ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade clássica*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019a.

⁴⁸ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias*. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

⁴⁹ PINEL, Philippe. *Medico-philosophical treatise on mental alienation: entirely reworked and extensively expanded* (1809). 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, Ltd, 2008.

vez mais como norma, e que a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras. Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida.⁵⁰

A memória da pureza, no contexto de um biopoder, com a estatização do biológico, através de mecanismos disciplinares e regulamentadores, incluindo o controle da sexualidade em prol de uma sociedade de normalização⁵¹, indica como a pureza, mesmo estando ligada ao campo religioso, transcende-o, perpassando searas como a da política, a da medicina e a da ciência. Logo, como um discurso, a nível foucaultiano, para ser discurso, precisa ecoar em diferentes esferas, com diferentes formatações, mantendo relações nessa dispersão, podemos, finalmente, perguntarmo-nos: há um discurso da pureza?

3. Há um discurso da pureza?

Como já indicado aqui, o discurso precisa se relacionar com um arquivo, deve perpassar diferentes esferas (como a religiosa, a científica, a política, a midiática etc.), está relacionado a um domínio de memória e, mesmo sendo descontínuo, possui um conjunto de relações nessa dispersão que lhe é constitutivo. Ou seja, para entendermos essa memória da pureza como um discurso, deveremos dar continuidade à análise das relações do seu sistema de dispersão.

No escrito de Xenofonte⁵², *Apologia de Sócrates*, é relatada uma das perspectivas de julgamento de Sócrates acerca da acusação de que o filósofo seria responsável por uma corrupção da juventude. Em sua defesa, Sócrates tenta provar a pureza do seu caráter e, na sua argumentação, oferece alguns indícios de comportamentos potencialmente qualificáveis como *impuros* para a juventude ateniense:

E mesmo assim, dizes-me tu, Meleto, que, com este comportamento, eu corrompo os jovens? Ora bem, nós sabemos qual o tipo de corrupções que afectam os jovens. Diz-nos, então, se conheces algum jovem que por minha causa tenha passado de pio a ímpio, de sensato a insolente, de moderado a gastador, de pouco bebedor a alcoólico, de trabalhador a indolente, ou tenha ficado na dependência de algum outro prazer perverso.⁵³

Encontramos, também, importantes indícios de uma memória da pureza na história político-cultural da Índia a partir do seu modelo de castas. Nas castas mais altas, uma ideia de poluição ou de impureza está mais atrelada à sexualidade, pois, como a casta da mãe determina a casta dos seus filhos, as mulheres, conseqüentemente, tornam-se as portas de entrada para as castas, o que reverberou em um grande cuidado com a *pureza* feminina.⁵⁴

Anteriormente, esboçamos algumas das bases da pureza cristã que precederam a medievalidade. Esse paradigma do *ser puro*, contudo, ecoou durante os séculos da Idade Média das

⁵⁰ FOUCAULT, 2019b, p. 156.

⁵¹ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

⁵² XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2008.

⁵³ XENOFONTE, 2008, p. 107-108.

⁵⁴ DOUGLAS, 2014, p. 154.

mais diferentes formas. Segundo Jeffrey Richards⁵⁵, o século X vivenciou um apocaliptismo mais generalizado, associado a um pessimismo quanto ao futuro da humanidade. Como o fim do mundo poderia ocorrer a qualquer momento, isso gerou uma atmosfera de puritanismo e evangelismo, com a defesa de uma manutenção da *pureza* pessoal.

Depois de 1033, quando a ideia de fim do mundo não estava mais solidamente presente, uma mudança dessa mentalidade defensiva, juntamente com uma combinação de fatores sociais, econômicos e políticos, levou a um período de dois séculos de revitalização, expansão e criatividade. Essa espécie de *renascimento* medieval, maximizado no século XII com uma reconfiguração da ideia de *individuo*, ecoou na forma de uma curva ascendente da autoexpressão, muitas vezes explícita, por parte de homens e mulheres que acreditavam possuir um maior controle sobre os próprios corpos, tanto de uma perspectiva religiosa quanto sexual. No século XIII, contudo, veio a resistência:

No século XIII, a Igreja, as municipalidades e as monarquias nacionais emergentes se mobilizaram para restringir a liberdade que havia prevalecido no século XII. A Igreja se preocupava particularmente com a regulamentação da sexualidade (a campanha contra homossexuais, a segregação das prostitutas, a sacralização do casamento) e a regulamentação da espiritualidade (a reafirmação do monopólio clerical sobre o acesso a Deus).⁵⁶

O estudo de Richards (1993) ajuda a ilustrar como esse movimento cristão, reforçado no século XIII, juntamente com a ascensão das cidades, reconfigurou uma memória da pureza nas mais diversas esferas, como na seara da saúde e da higiene (aversão aos leprosos), da moralidade pública (condenação das prostitutas e dos homossexuais), na competição econômica (com os judeus) e na busca de uma uniformidade religiosa, antecipando elementos de disciplina e de poder, que, séculos depois, seriam novamente reconfigurados, fazendo emergir novamente uma memória da pureza, na forma do biopoder.

Poucos séculos depois, a partir do modelo geopolítico colonialista, as colônias da Europa, primeiro no continente americano e, logo depois, na África, apresentaram aos europeus uma variedade de culturas em relação às quais a Europa se concebeu como superior, estabelecendo uma divisão racial, entre uma raça mais pura e as demais, impuras, passíveis de um processo de purificação:

À medida que a noção espanhola de ‘pureza de sangue’ deu lugar, nas Américas, a distinções entre raças superiores e inferiores, essa superioridade refletiu-se em distinções biológicas que foram fundamentais para a autodefinição dos europeus e que ainda estão presentes no racismo contemporâneo.⁵⁷

Fazendo uma leitura desse trecho a partir do nosso percurso teórico-metodológico, podemos pensar que existe um domínio de memória no racismo contemporâneo que ecoa o estatuto

⁵⁵ RICHARDS, 1993.

⁵⁶ RICHARDS, 1993, p. 13.

⁵⁷ “A medida que la noción española de ‘pureza de sangre’ dio paso en las Américas a distinciones entre razas superiores e inferiores, esta superioridad se plasmó en distinciones biológicas que han sido fundamentales para la auto-definición de los europeos y siguen presentes en los racismos contemporáneos” (CORONIL, Fernando. *Naturaleza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo*. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000. p. 93, tradução nossa).

colonial da *pureza de sangue*. Ou seja, não se trata da mesma pureza, mas de uma reconfiguração. Contudo, do que ela trata?

Nas cartas enviadas entre 1554 e 1594 pelo padre José de Anchieta, missionário jesuíta que desempenhou um papel significativo no Brasil colônia, encontramos a tese segundo a qual a atuação do referido sacerdote na colônia ajudava as pessoas a *limparem* suas almas do pecado, com a missão de salvar as almas dos índios e africanos e, perante *mulheres tão pecadoras*, contribuir para que algumas delas buscassem se *purgar*, purificando-se através do batismo e da confissão.⁵⁸

A ideia de *pureza de sangue* se materializava de forma mais implícita no caso da colonização brasileira, todavia, na colonização espanhola, essa concepção teórica estava explicitamente presente na política colonial. Pedro de Cieza de León⁵⁹, cronista e soldado espanhol do século XVI, narrou esse processo na obra *Crónica del Perú: el señorío de los Incas*, na qual ele afirma que, apesar de ser justo que os cristãos tenham alguma curiosidade sobre os costumes indígenas, esse conhecimento deve se dar em prol de uma ciência acerca dos *maus costumes* desses indígenas, a fim de que os cristãos mantenham um afastamento deles enquanto desenvolvem meios de aproximá-los do caminho da verdade para que sejam *salvos* dos seus *pecados nefastos*. A colonização, então, visava limpar os Incas dos seus pecados nefastos a partir do exemplo espanhol de *limpeza*, como indica o seguinte excerto:

A governança do reino brilha neste momento de tal forma que os índios são inteiramente senhores das suas propriedades e do seu povo, e os espanhóis temem os castigos que lhes são aplicados. E as tiranias e os maus tratos aos índios já cessaram pela vontade de Deus que cura todas as coisas com a sua graça. Para isso, aproveitou a criação de audiências e chancelarias reais, e de ter nelas homens e autoridades instruídas, e que, dando exemplo de limpeza, ousam executar a justiça.⁶⁰

Adiante, Friedrich Nietzsche⁶¹, no seu estudo sobre a *Genealogia da moral*, entende que a classe sacerdotal, ao designar o que é *puro* e *impuro*, leva a aristocracia, na identificação com a pureza, a afastar-se de sua antítese, a impureza, ou seja, o *povo baixo*. Ecoando essa concepção das classes altas serem tidas como mais puras e, as mais baixas, impuras, Bronislaw Mallinowski reinterpreta o *Complexo de Édipo* freudiano, ao postular que, diferentemente da repressão da curiosidade natural infantil pelo sexo nas classes mais altas, nas classes baixas essa introdução ocorreria desde cedo e a repressão seria menor.⁶²

Em sentido similar, enquanto Norbert Elias⁶³ entende que um grupo estabelecido, para a preservação da *pureza* grupal, exclui da sua participação aqueles que não possuem as virtudes

⁵⁸ DE ACHIETA, Joseph. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933, p. 405.

⁵⁹ DE LEÓN, Pedro de Cieza. *Crónica del Perú: el señorío de los Incas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

⁶⁰ “La gobernación del reino resplandece en este tiempo en tanta manera, que los indios enteramente son señores de sus haciendas y personas, y los españoles temen los castigos que se hacen. Y las tiranías y malos tratamientos de indios ya han cesado por la voluntad de Dios que cura todas las cosas con su gracia. Para esto ha aprovechado poner audiencias y cancellerías reales, y que en ellas estén varones doctos y de autoridades, y que dando ejemplo de su limpieza, osen ejecutar la justicia” (DE LEÓN, 2005, p. 295, tradução nossa).

⁶¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁶² MALLINOWSKI, Bronislaw. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43.

⁶³ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

qualificadas como necessárias, colocando-os em posição de inferioridade, Pierre Bourdieu⁶⁴ escreve que é dentro da classe dominante que se constitui a luta em prol da cultura legítima, existindo a *pureza* dos gostos sublimados como contraponto a uma *baixeza* das classes dominadas.

Também ecoando essa memória da pureza, a abolição da escravidão nos Estados Unidos, juntamente com a obtenção de uma expectativa de ganho político e econômico da população negra no país, levou a um movimento de resistência branco, ilustrável pela *Ku Klux Klan*, com a instauração de leis segregatórias.

O cenário que antecede esse fenômeno é descrito por Luciana da Cruz Brito⁶⁵ que defende haver, nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, um terror em relação à possibilidade do país se miscigenar; panorama que era descrito como *anormal e detestável*, demandando que algo fosse feito para se preservar a *pureza de sangue*. Desse modo, a *mistura racial* era considerada por muitos, durante a Guerra Civil, como uma das consequências mais nefastas da abolição, chegando-se a haver uma forte defesa para que se proibisse o intercuro sexual entre negros e brancos, o que se dava por meio de alegações como a de que uma mulher branca se casar com um homem negro seria *contra os desígnios da natureza*. Nesse cenário, o terror era embasado, também, pela visão estadunidense sobre o Brasil, pois, nos EUA, pairava o mito de que naquele país dos Trópicos a miscigenação era algo exacerbado, fazendo surgir, inclusive, uma *raça híbrida* (conforme descrição do período), a qual *condenava* o país ao *fracasso*, o que fazia do Brasil um *laboratório dos piores efeitos da miscigenação*.

Essa perspectiva da pureza, por consequência, reverberou no próprio Brasil e ecoou, posteriormente, em um higienismo eugenista marcante na educação brasileira do início do século XX.⁶⁶ Perante uma população altamente miscigenada, no final do século XIX, muitos que constituíam a pseudo-intelectualidade brasileira, somados ao poder político, consideravam haver uma necessidade de se embranquecer o Brasil, o que foi, posteriormente, institucionalizado constitucionalmente:

A eugenia chegou a se tornar política de Estado, quando a Constituição de 1934, em seu artigo 138, determinou ser dever do Estado ‘estimular a educação eugênica’, que teria como finalidade conscientizar os jovens de que não seria conveniente contraírem matrimônio com parceiros de raça e classe sociais diferentes das suas. Além disso, os jovens eugenicamente aptos deveriam casar e procriar o mais cedo possível, enquanto os inaptos deveriam ter sua prole restrita, o que iria gradativamente branquear e qualificar a população.⁶⁷

Esse higienismo eugenista também reverberou em uma pedagogia, associada ao poder disciplinar, visando *disciplinar* as classes populares, afastando-as, como defendiam os higienistas, da *imundície* e da *promiscuidade*.⁶⁸ O personagem Jeca Tatu, criado pelo escritor Monteiro Lobato, por exemplo, seria um eco desse sanitarismo higienista. Jeca, “[...] entregue à ignorância,

⁶⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

⁶⁵ BRITO, Luciana da Cruz. *O crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil escravista e a ameaça à pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição*. *Revista Brasileira de História*, [S.L.], v. 36, n. 72, p. 107-130, 8 ago. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_007. Acesso em: 27 nov. 2023.

⁶⁶ GONÇALVES, Rozemy Magda Vieira; SARAIVA, Karla; GONZALEZ, Deborah Barbosa. *Pureza da raça, sanidade do corpo e educação escolar*. *Educação*, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 1-26, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644468270>. Acesso em: 27 nov. 2023.

⁶⁷ GONÇALVES; SARAIVA; GONZALEZ, 2023, p. 7.

⁶⁸ GONÇALVES; SARAIVA; GONZALEZ, 2023.

à preguiça e à doença por sua raça degenerada”⁶⁹, tem a sua narrativa alterada após uma conversão de Monteiro Lobato do tradicional eugenismo ao sanitarismo higienista, com a nova abordagem de que a miséria do personagem seria resultado dos seus maus hábitos e das suas más condições sanitárias.

Historicamente, essa memória da pureza atingiu um dos seus pontos mais críticos a partir da reconfiguração promovida por Adolf Hitler.⁷⁰ Em *Mein Kampf*, o nazista alega que qualquer ideologia deve trabalhar em benefício da pureza de sangue ariana. Para Hitler, a concepção de uma nobreza foi perdendo a sua relação com o sangue, o que levou a uma miscigenação racial, demandando ação urgente para a recuperação dessa pureza. Ainda segundo o ditador, a mistura racial e o declínio da pureza sanguínea teriam sido fatores responsáveis por quedas de civilizações e, para *solucionar* essa questão na Alemanha, ele propunha, por exemplo, a regulação dos intercursos sexuais envolvendo judeus.

Com a derrota da Alemanha na 2ª Guerra Mundial, juntamente com a derrocada formal de uma concepção político-científica de *pureza de raça*, tem-se o início da queda do sistema de leis reconhecidamente segregatórias nos Estados Unidos. Esse declínio se mostra, por exemplo, na série de vitórias jurídicas das causas negras – fato que causou, novamente, terror para muitos brancos no sul do país.⁷¹ Esse movimento se deu juntamente com um amplo movimento negro em defesa dos direitos civis que, apesar dos muitos sucessos, conviveu com uma dura repressão e, como sequência, viu o início de um modelo de encarceramento em massa.

Michelle Alexander⁷² disserta sobre como o início de uma retórica sulista em defesa da *lei e da ordem* funcionou como resposta ao movimento dos direitos civis, publicizando-se uma associação controversa entre aumento de negros e aumento da violência, juntamente com a alegação de que *se os negros agissem conforme a lei não precisariam lidar com a brutalidade da polícia*. Em acréscimo, os conservadores passaram a defender que a pobreza não seria um reflexo da estrutura política estadunidense, mas sim uma consequência da cultura negra.

O presidente Richard Nixon, na década de 1970, foi um forte defensor da *lei e da ordem*, declarando, nesse contexto, uma *guerra às drogas* quando somente 2% dos estadunidenses consideravam que esse era um dos principais problemas com os quais a nação deveria se preocupar. Na década de 1980, Ronald Reagan reforçou a *guerra às drogas* com investimentos bilionários (desviando o foco de outros problemas sociais), declarou que o modelo de bem-estar social seria sinônimo de preguiça e, com a crise social vinculada ao paradigma neoliberal, o desemprego da população negra aumentou, juntamente com o aumento da severidade das penas, levando a um encarceramento em massa da população negra. Alexander⁷³ destaca que a maioria das prisões, resultante do modelo de guerra às drogas, era por posse (e não por venda); e que, em alguns estados, 80% a 90% dos presos por drogas eram negros, pois, apesar do alto uso de drogas entre brancos, eles estavam longe de serem encarcerados na mesma proporção.

Esse eco da memória da pureza, nos Estados Unidos, reconfigurando a pureza de raça em prol de uma pureza biomédica contra as drogas, levou a um maior número de pessoas negras

⁶⁹ GONÇALVES; SARAIVA; GONZALEZ, 2023, p. 8.

⁷⁰ HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. 1. vol. New York: Clemens & Blair, 2018.

⁷¹ ALEXANDER, Michelle. *The new Jim Crow: mass incarceration in the age of colorblindness*. New York: The New Press, 2010.

⁷² ALEXANDER, 2010.

⁷³ ALEXANDER, 2010.

presas atualmente no país do que o total de pessoas escravizadas lá existentes em 1850, resultando no maior número de prisões da história dos Estados Unidos, sendo possível traçar paralelos com o panorama brasileiro, que reverbera o estadunidense em vários aspectos.

Em paralelo, a segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, observou uma crescente preocupação evangélica com a pureza sexual juvenil. Com o fim da União Soviética, Kristin Kobes du Mez⁷⁴ entende que o término da Guerra Fria, e conseqüentemente, da guerra contra o comunismo, demandou-se a busca de um outro inimigo por parte dos conservadores estadunidenses, elegendo-se (não oficialmente) a luta contra a impureza moral da nação como substituta do anticomunismo. Isso ocorreu em consonância com a vitória de movimentos autodenominados de fundamentalistas, que estavam vinculados a instituições religiosas como a Convenção Batista do Sul. Estes fundamentalistas afirmavam retomar, em sua *pureza original*, os fundamentos da Bíblia na defesa dos valores familiares.⁷⁵

Essa dispersão da memória da pureza, marcada pela descontinuidade de diversos acontecimentos sócio-históricos que reconfiguraram o arquivo constituído por uma *lei da pureza*, também entremeados por enunciados que, apesar de nem admitidos e nem discutidos, ecoam algumas das configurações passadas da pureza no presente (nas mais diferentes esferas), possui uma série de relações as quais nos permitem afirmar que, sim, essa memória vincula-se a um discurso da pureza.

Conclusão

Neste trabalho, analisamos a existência de um discurso da pureza a partir de indícios dos seus ecos, ao decorrer da história, em esferas sexuais, religiosas, culturais e políticas. A afirmação da existência desse discurso parte, do ponto de vista teórico, dos escritos de Michel Foucault⁷⁶ acerca da existência de técnicas, em todas as sociedades, para o alcance da pureza. Contudo, do ponto de vista analítico, são os dados estudados ao decorrer desta pesquisa que nos oferecem o embasamento necessário para essa afirmação.

Como um discurso possui, entre as suas várias características, *generalidade*, *descontinuidade* e remete a um *arquivo*, possibilitando a existência de um conjunto de relações em uma aparente dispersão, utilizamos como parte do nosso percurso teórico-metodológico o conceito foucaultiano de *domínio de memória* na busca de um entendimento sobre como uma memória da pureza, tão dispersa, não somente se materializa como eco sem admitir e discutir seu passado, mas também possibilita relacionar tantas reconfigurações da pureza ao decorrer da história, nas mais diferentes esferas e culturas.

No caso da sexualidade, esboçamos que, apesar de concepções de pureza perpassarem toda a esfera da erótica, essa memória não se reduz a ela, o que exemplificamos através de indícios que vão cristianismo primevo ao processo inquisitorial de Joana D'Arc, na Idade Média. Posteriormente, demonstramos que, apesar da pureza ser um conceito central nas mais diversas religiões, não se pode reduzir umas às outras, como ilustrado na reconfiguração de uma pureza cristã pela medicina e pelos mecanismos do biopoder.

⁷⁴ DU MEZ, Kristin Kobes. *Jesus e John Wayne: como o evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

⁷⁵ SMITH, Oran P. *The rise of baptist republicanism*. New York: New York University, 1997.

⁷⁶ FOUCAULT, 2022.

Como identificamos, nessa memória da pureza, as características do discurso que Foucault descreve em *A arqueologia do saber*⁷⁷, com base nos indícios analisados e no domínio de memória apresentado, concluímos que é possível defender a existência de um **discurso da pureza**. Por fim, notamos que a importância de se identificar um discurso da pureza vai além de uma curiosidade acadêmica sobre o percurso teórico-metodológico foucaultiano, pois nos ajuda a perceber que, para cada eco de uma memória da pureza, há instituições, saberes e modalidades éticas que determinam, nas diferentes culturas e sociedades, aquilo e aqueles que seriam considerados *impuros*, passíveis de ostracismo, condenação e violência, como nos mais diversos exemplos apresentados, o que demanda atenção, análise e, principalmente, cuidado.

Referências

- ALEXANDER, Michelle. *The new Jim Crow: mass incarceration in the age of colorblindness*. New York: The New Press, 2010.
- BDK English Tripitaka Series. *The Three Pure Land Sutras*. Berkeley: Numata Center for Buddhist Translation and Research, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BOSSA, Benjamim. *O direito de amar: a queda de um tabu*. 2. ed. São Paulo: [S.n.], 1984.
- BRITO, Luciana da Cruz. O crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil escravista e a ameaça à pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição. *Revista Brasileira de História*, [S.L.], v. 36, n. 72, p. 107-130, 8 ago. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_007. Acesso em: 27 nov. 2023.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das ciencias accesorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias*. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- CORONIL, Fernando. Natureza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- DA SILVA, Edvania Gomes. *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da igreja católica*. 293 f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/393069>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- DE ACHIETA, Joseph. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- DE AQUINO, Tomás. *Suma teológica: teologia – Deus – trindade*. 1. vol. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- _____. *Suma teológica: a criação – o anjo – o homem*. 2. vol. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. *Suma teológica*. 7. vol. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- DE LEÓN, Pedro de Cieza. *Crónica del Perú: el señorío de los Incas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

⁷⁷ FOUCAULT, 2014a.

- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DOWLAND, Seth. *Family values and the rise of the christian right*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2015.
- DU MEZ, Kristin Kobes. *Jesus e John Wayne: como o evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FERREIRA NETO JUNIOR, Nelson Pinto. *Eu escolhi esperar*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. *Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Lisboa: Edições 70, 2014a.
- _____. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70, 2014b.
- _____. *Dizer a verdade sobre si*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- _____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.
- _____. *História da loucura na Idade clássica*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019a.
- _____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- _____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019c.
- _____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014c.
- _____. *História da sexualidade 4: as confissões da carne*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- _____. *Microfísica do poder*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019d.
- _____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONÇALVES, Rozemy Magda Vieira; SARAIVA, Karla; GONZALEZ, Deborah Barbosa. Pureza da raça, sanidade do corpo e educação escolar. *Educação*, [S.l.], v. 48, n. 1, p. 1-26, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644468270>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. 1. vol. New York: Clemens & Blair, 2018.
- HOBBS, Daniel. *The Trial of Joan of Arc*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- KEMP, Jaime. *Meu filho cresceu e agora? Convivendo com o adolescente contemporâneo*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- MALLINOWSKI, Bronislaw. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MÜLLER, F. Max. (org.). *The sacred books of the east*. 4. vol. London: Oxford University Press Warehouse, 1880.

- NEGROMONTE, Álvaro. *A educação sexual (para pais e educadores)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PINEL, Philippe. *Medico-philosophical treatise on mental alienation: entirely reworked and extensively expanded (1809)*. 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, Ltd, 2008.
- RIBEIRO JÚNIOR, Laelson Matos; DA SILVA, Edvania Gomes. Os descaminhos da memória em Foucault: descontinuidade, eco, arquivo e diferença. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8671141>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SMITH, Oran P. *The rise of baptist republicanism*. New York: New York University, 1997.
- VATICAN News. *Centenário de canonização de Joana D'Arc*. Vatican News, 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/joana-dar-centenario-canonizacao-diocese-orleans.html/>. Acesso em: 18 out. 2023.
- VIASA, Veda. *Srimad Bhagavad Gita*. Tradução: Haydée Touriño Wilmer. [S.l]: [S.n], 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/123054096/Śrimad-Bhagavad-Gita-2002-Haydee-Tourino-Wilmer-editora>. Acesso em 25 nov. 2023.
- XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2008.

Submetido em: 07/02/2024

Aprovado em: 25/11/2024